

# ROGER CHARTIER NAS FRONTEIRAS DO MILÊNIO: uma crise da história? A história entre narração e conhecimento

Maria Meire de CARVALHO\*

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001, 140 p.

O texto de Roger Chartier, intitulado “Uma crise na história? A história entre narração e conhecimento”, é parte da obra *Fronteiras do Milênio*, organizada por Sandra Jatahy Pesavento<sup>1</sup>. Na obra, a organizadora reúne historiadores, literatas e sociólogos para refletir sobre as possibilidades de pensar as fronteiras para além dos espaços a serem conquistados. *Fronteiras do Milênio* apresenta seis artigos distribuídos na seguinte ordem: “A Testemunha e o historiador” – François Hartog (historiador e diretor de Estudos da École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris); “Memória e História” – Fernando Cartoga (historiador, professor no Instituto de História e Teoria das Idéias da Universidade de Coimbra); “Barbárie e Representação: o silêncio da testemunha” – Roberto Vecchi (professor de literatura na Università di Bologna); “Globalização e transdisciplinaridade: a segunda revolução identitária” – Jacques Leenhardt (sociólogo e diretor de Estudos na École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris); “Os filhos de satã” – Flávio Aguiar (professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo); “Uma crise na história? A história entre a

---

\* Doutoranda em História pela UNB e professora da área de História da UEG, UnU Cora Coralina.

<sup>1</sup> Historiadora e professora titular no Departamento de História da UFRGS.

narração e conhecimento” – Roger Chartier (historiador e diretor de Estudos na École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris).

*Fronteiras do Milênio* reúne, portanto, seis textos de renomados pesquisadores da área das Ciências Humanas que, no liminar do século XXI, expõem suas inquietações sobre os rumos do novo milênio. Os autores nos convidam a refletir sobre as fronteiras para além de marcos físicos ou naturais e acima de tudo como espaços simbólicos que desdobram o político e o imaginário. Para tanto, remetem-nos a pensar as fronteiras como refiguração das representações das realidades de mundos paralelos que avançam para marcos de tempo, de memórias, de silêncios e de sentidos.

Para Pesavento (2001), “fronteira é, por assim dizer, conceito ambivalente ou bifronte, que se compara como a uma espécie basculante entre o encerramento e a abertura, entre o marco que define e delimita e a janela ou porta que possibilita a comunicação” (p.08).

Dessa maneira, as fronteiras se apresentam como espaços a serem conquistados com dimensões que ultrapassam marcos divisórios construídos, que representam limites e localismos. Pesavento (2001) instiga-nos a pensar as fronteiras como possibilidades do novo, do diferente, do múltiplo e como lugar de passagem, permeado pelo campo das representações em suas descontinuidades, intercambiado por discursos que se apresentam como “um jogo de espelhos, na composição de um *puzzle* que fala sobre o real”. É com base nessa concepção que a fronteira avança para o campo do simbólico, correspondendo a um marco imaginário que se coloca como nova temporalidade, uma vez que as fronteiras em tempo de globalização se apagam, se dissolvem e se acirram.

Compondo esse conjunto de textos que concebe as fronteiras como cruzamento de idéias em multiplicidades, o historiador Roger Chartier traça um paralelo entre a narração e o conhecimento, apontando as incertezas e fragmentações que abalaram o ofício dos/as historiadores/as e suas práticas, uma vez que se multiplicaram os métodos e os objetos da investigação histórica. Para tanto, Chartier sugere o retorno aos arquivos, o diálogo com outras áreas do conhecimento, o caráter narrativo da história, o sujeito situ-

ado, em vez do sujeito determinado, pois acredita que os/as historiadores/as, ao produzirem conhecimentos, fazem as suas próprias escolhas.

Nesse sentido, Chartier aponta que a história se deslocou do campo das ciências sociais e renunciou a algumas definições clássicas da tradição historiográfica (anos 60 e 70 do século XX), questionando concepções teóricas unívocas e totalizantes, numa busca incessante de desafiar o “fazer histórico”. Sensíveis aos novos enfoques trazidos por outros campos do conhecimento (estudos antropológicos e sociológicos), os/as historiadores/as pensaram recuperar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. Segundo Chartier, o objeto da história não é mais as estruturas, os mecanismos e as hierarquias sociais que a regem, mas as estratégias que mobilizam as comunidades, as linhagens, as famílias, os indivíduos. Assim, a visão se deslocou das regras impostas, das condutas obrigadas às decisões próprias de cada um, proporcionando estudos de novos objetos que traçam, de maneira móvel, as relações sociais e as diferenças culturais, tudo isso aberto às estratégias individuais. Nas palavras de Chartier, é a partir dessa perspectiva que se deve compreender o conceito de representações, cujo traço principal é transformar as fronteiras.

Chartier ainda nos convida a pensar a nossa relação com o escrito, atentando para a importância de se historizar os critérios de classificação dos gêneros e as maneiras de ler, pois a leitura é o resultado da projeção ao universal das práticas particulares, portanto, a leitura também tem uma história e essa leitura dos textos é uma história das diferentes modalidades da apropriação dos discursos. Daí a necessidade de uma atenção redobrada para a materialidade dos textos, para a corporalidade social e cultural dos leitores, reconhecendo as fronteiras diversas segundo os tempos e os lugares. Essa historização das produções tem por corolário questionar as relações que os/as produtores/as têm com o mundo social e as apropriações culturais.

Roger Chartier também mostra quão ilusório é o debate em torno do “ressurgimento da narrativa”, quando, para ele, como poderia haver “ressurgimento” ou retorno onde jamais houve partida nem abandono? Segundo

Chartier, existe um deslocamento, mas este é de outra ordem, já que as “micro-histórias” não empregam as mesmas construções discursivas das grandes narrações da história global ou dos relatos estatísticos da história quantitativa. Com relação à dimensão da narrativa histórica, Chartier chama a atenção do leitor para que, qualquer que seja seu objeto, a narrativa lançou um desafio considerável, e, respondendo as críticas de Hayden White, de que “tal história e como a escreve o historiador não depende nem da realidade passada, nem das operações próprias da disciplina”. Chartier afirma que, mesmo que o historiador escreva em forma “literária”, o historiador não faz literatura, e isso, por causa do fato de sua dupla dependência, dependência em relação ao arquivo, portanto, em relação ao passado do qual este é a pegada, dependência quanto aos critérios técnicos relativos a seu ofício.

É bom lembrar que as fronteiras estão ligadas a tempos múltiplos e se apresentam como campo de experiências, de saberes e, sobretudo, como lugar de poder. Nesse sentido, a História como um conhecimento de fronteira que se abre para novos pontos de vista, de objetos, de narratividade, na busca inquietante de discutir e refletir sobre os desafios e dúvidas que permeiam o século XXI demonstra uma série de preocupações com o ofício do historiador, com a sua prática, com o seu lugar de fala e com a sua opção epistemológica. Falar de fronteiras e de história é atentar para as multiplicidades.

Em tempos de fronteiras, em que se busca conquistar e reconquistar identidades perdidas, reprimidas ou nunca identificadas corre-se o risco de se apagarem todas as diferenças entre os saberes históricos e as aspirações particulares, mas, responder a todas as críticas que se fazem à história não é fácil, pois incertezas e certezas, real e imaginário se cruzam e se entrelaçam questionando os “regimes de verdades”. Pensar e praticar a história como um conhecimento crítico, carregado de significados é uma exigência essencial desse início de século. Rejeitar a idéia de que o passado seria já constituído como objeto científico, totalizante e unívoco é uma necessidade.